

DEU PRA TI, VEM PRA CÁ

Os anos passam, o sucesso chega
e o anonimato, com o qual era
possível se proteger, vai embora

TEXTO | MICHELLE RAPHAELLI e PRISCILA ZIGUNOVAS
FOTOS | EMANUELE SPIES

Com 30 anos de
estrada, a dupla
Kleiton e Kledir
administra bem
a trajetória de
sucesso e a rotina
de viagens







A banda Papas da Língua faz sucesso nas trilhas das novelas depois de cair no gosto de Jayme Monjardim

Em 21 de agosto de 2005, a banda Papas da Língua fez um show em Três Forquilhas, município do Litoral Norte do estado com pouco mais de três mil habitantes. Chovia muito. Um grupo de cinco fãs da banda, vindo da Grande Porto Alegre, desceu no início da estrada de chão que dá acesso à cidade, depois de uma viagem no ônibus errado e uma carona em um outro, e pôs-se a caminho do local da apresentação. Eles caminharam quatro quilômetros sob a chuva, cuidando para não molhar o cartão e os presentes que levavam para o baixista Zé Natálio, que fazia aniversário naquele dia.

Ao final da apresentação, o baixista recebeu dos fãs uma touca e um chaveiro do Internacional. "Não acredito que vocês vieram até aqui!", disse. Essa frase foi muitas vezes ouvida pelo grupo, que fazia questão de ir a todos os shows - às vezes dois num mesmo final de semana, em cidades tão distantes quanto Pelotas e Camaquã.

As cinco pessoas que estavam na cidadezinha são integrantes do fã clube Vem pra cá, fundado pela porto-alegrense Sandra Castro, hoje com 42 anos, nove deles acompanhando de perto a carreira da banda. Sandra conheceu os Papas da Língua em 2000 e ficou impressionada com a atenção que davam aos fãs. "Eles são maravilhosos. Dão muita atenção, diferente de outras bandas", elogia. Em 2005, decidiu fundar o fã clube.

A Papas da Língua começou em 1993, depois que o vocalista Sérgio Moacir Garcia Pereira, o Serginho Moah, saiu de Uruguaiana para morar em Porto Alegre. Numa noite, o guitar-

rista Léo Henkin ouviu-o cantar num bar da Capital. "Gostei muito do que ouvi e o convidei para ser o vocalista do Papas, pois eu já havia falado com o Pezão e o Zé Natálio sobre fazermos uma banda pop", conta Léo. "Depois de um tempo, criamos o nome da banda, que foi uma escolha baseada na sonoridade. Era bem pop, tudo a ver com o tipo de som que a gente queria fazer", explica.

O primeiro CD, *Papas da Língua*, foi lançado em 1995. Com o segundo, *Xa-la-lá*, de 1998, a banda conheceu o sucesso na região Sul. O reconhecimento nacional, porém, só veio em 2006, com a inclusão da música *Eu Sei*, do CD *Babybum*, na trilha sonora da novela *Páginas da Vida*, da Rede Globo. Naquele ano, chegou às mãos do diretor Jayme Monjardim o DVD Acústico Ao Vivo Papas da Língua. "Por essas coisas imprevisíveis da vida - e também por ser o Jayme um cara antenado e que está sempre de olho em novos artistas - ele acabou assistindo ao DVD e gostou muito", conta Léo Henkin. *Eu Sei* estourou no Brasil inteiro e até em outros países, um marco na carreira da Papas, que em 2009 emplacou outra canção, *Vem Pra Cá*, na novela das oito, *Viver a Vida*.

Com o sucesso, porém, vêm de carona um aumento da exposição, da cobrança e das críticas, além do risco da fama subir à cabeça do artista. "O pior de ser famoso é ficar deslumbrado com a fama, não saber lidar com isso", avalia Léo.

Para a psicanalista Christiane Ganzo, co-autora do livro *A vida como ela é para cada um de nós: em busca do eu-caleidoscópio*, a fama repentina e a despedida do anonimato são questões complicadas de se lidar. "Toda despedida tem perda", expli-

ca. "Embora as pessoas queiram ter sucesso e trabalhem para isso, o anonimato é uma proteção. O erro está preservado, a pouca habilidade está preservada, a pessoa não está tão pressionada com o resultado."

Com 16 anos de carreira, a banda impressiona pela longevidade. "Para dar certo e permanecer juntos tanto tempo, a relação entre eles precisa de muito respeito", afirma o empresário da Papas, Ilton Carangacci, que também trabalha com as bandas Chimarruts e Reação em Cadeia.

O povo do Sul na bagagem

Trinta anos desde a formação da dupla Kleiton e Kledir, e a história é celebrada com o lançamento de *Autorretrato*, em julho de 2009. O novo álbum traz para os fãs a revitalização dos sucessos antigos e canções inéditas, o que não acontecia desde 1987. O início da carreira dos irmãos foi na cidade de Pelotas, onde eles moravam e estudavam. Sérgio Siqueira, jornalista e ex-vizinho da dupla, conta que tudo começou no final dos anos 60, com um festival promovido pela rádio da Universidade Católica de Pelotas em que foram finalistas.

Nos anos 80, aconteceu o que os moradores de Pelotas já previam: Kleiton e Kledir lançaram o primeiro trabalho como dupla, com as músicas *Maria Fumaça* e *Deu Pra Ti*. O talento dos irmãos se consagrou e os dois guris levaram a cara e o sotaque do povo do Sul na bagagem. O primeiro trabalho rendeu viagens internacionais e parcerias com cantores de sucesso.

Em 1987, a dupla "deu um tempo". Ficaram separados por sete anos, mas os sucessos continuaram tocando nas rádios. "Quando nos reencontramos, havia todo um novo cenário na música brasileira, com releituras e coletâneas. Isto foi muito motivado pela entrada dos CDs. As nossas coletâneas venderam mais de meio milhão de cópias. Nosso retorno foi em 1996", conta Kledir.

A dupla recebeu algumas críticas pelas regravações. Para a psicanalista Christiane Ganzo, o encontro do sucesso é muito particular e bastante delicado. "A gente nunca sabe o que é que os outros vão gostar, o que é que os outros vão aplaudir",

explica. "A percepção do fracasso e da frustração é intensa para o psicológico de qualquer pessoa. Artistas que foram muitíssimo bem sucedidos em alguns momentos e criaram letras fantásticas no momento seguinte se sentem vazios, sem ideias". Segundo a psicanalista, a exposição a que o artista é submetido repentinamente pode fazê-lo se atralhar com as expectativas. "As esperanças podem ser alvo de desconforto, de tristeza, de decepção".

Com *Autorretrato*, Kleiton e Kledir demonstram que o reencontro com o criar, com o idealizar o sucesso, está muito vivo na dupla. "O passado já foi suficientemente revisitado. É o momento de retomar o fôlego para a ousadia e lançar o inédito. A hora é essa", confessa Kledir. O sucesso dos irmãos abriu caminho para outras bandas conterrâneas. Para Ilton Carangacci, o rótulo do Sul não é um peso. "Em outubro, estava com a Chimarruts na entrega do Video Music Brasil em São Paulo e, na hora do aquecimento, olhei pro lado e lá estava o pessoal da Fresno, da Pública, da Cachorro Grande e da Pata de Elefante, todos recebendo seus prêmios. Acho que o chimarrão não está atrapalhando", brinca o empresário.

Os festivais que dependem de votação do público pela internet são bons exemplos e demonstram a qualidade e boa aceitação da música do estado. É o caso da banda de rock Frida, da cidade de Gravataí. O baixista da Frida, Jerônimo Silvello, conta, com emoção, que desde 2005 a banda vem ganhando espaços, mas a participação em um festival como o U>Rock, de bandas universitárias, foi decisiva na valorização do grupo. "Não imaginávamos que ganharíamos o primeiro lugar, ainda mais concorrendo contra o Brasil inteiro."

A importância da divulgação, das novas ferramentas que surgem e de novas formas de se relacionar com público também chamam a atenção nos dias de hoje. Fábio Codevilla, comunicador da Rádio Itapema FM, enfatiza que a internet é uma ferramenta que beneficia o meio musical, os lançamentos e as divulgações dos artistas. "Mas não basta divulgar para ultrapassar as barreiras e conseguir encontrar o caminho do sucesso. É preciso ter talento, é preciso entender de música."

IMPRESSÕES DE REPÓRTER

A rotina de um artista é bastante tumultuada. É preciso dedicar-se à música, aos fãs, à imprensa. Para que esses relacionamentos sejam tranquilos e não atrapalhem a rotina, é necessário confiar nos empresários, nos assessores, em uma boa organização de agenda. Nossa primeira impressão foi boa, os primeiros contatos telefônicos foram positivos, nossos objetivos seriam fáceis de cumprir, até que recebemos o primeiro telefonema desmarcando os encontros agendados. Entendemos que a pauta seria complexa e exigiria paciência e pesquisa, afinal, ser famoso, administrar o sucesso e lidar com o fato de não ser mais uma pessoa comum são temas sensíveis

para quem vive a situação. Papas da Língua, a banda que, aos 15 anos de carreira, chega ao topo das paradas de sucesso, trata bem os fãs, mas, com a agenda complexa, não foi tão acessível a nós. Kleiton e Kledir são acessíveis à imprensa, mas distantes - morar no Rio de Janeiro dificulta o contato com fãs gaúchos, que já parecem minoria perto dos admiradores de outros estados. A Frida, salve Frida, já no primeiro contato, deu respostas imediatas. Mas quem é a Frida? A banda regional, da cidade de Gravataí. Eles, que buscam ainda o sucesso, viram na entrevista uma oportunidade, um espaço para contar histórias e serem notados.